

Atena
Editora

Ano 2021



Elói Martins Senhoras
(Organizador)

Do Indivíduo à Nação:
a Economia em tudo o
que se vive

Atena
Editora

Ano 2021



Elói Martins Senhoras
(Organizador)

Do Indivíduo à Nação:
a Economia em tudo o
que se vive

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Do indivíduo à nação: a economia em tudo o que se vive

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: David Emanuel Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Elói Martins Senhoras

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I39 Do indivíduo à nação: a economia em tudo o que se vive /
Organizador Elói Martins Senhoras. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-854-0
DOI 10.22533/at.ed.540211503

1. Economia. I. Senhoras, Elói Martins (Organizador). II.
Título.

CDD 330

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A crescente influência dos assuntos econômicos nos alicerces relacionais da sociedade tem engendrado ao longo dos últimos três séculos uma relevância ímpar para o campo científico da Economia, o qual passa por uma contínua expansão do interesse popular diante da expansão das suas fronteiras de conhecimento.

Partindo da centralidade que a Economia possui no dia-a-dia das pessoas, o presente livro, “Do Indivíduo à Nação: a Economia em tudo o que se vive” tem o objetivo de apresentar uma coletânea diversificada de estudos teóricos e empíricos sobre o mercado econômico por meio de uma abordagem de pesquisadores *insiders* e *outsiders* ao campo epistemológico das Ciências Econômicas.

Os capítulos apresentados neste livro foram construídos por um conjunto diversificado de 18 profissionais que colaboram direta e indiretamente para a construção multidisciplinar do campo científico da Economia na América Latina, cuja origem nacional é de diferentes estados do Brasil, bem como, internacionalmente da Colômbia.

Organizada em 8 capítulos, esta obra apresenta relevantes debates que valorizam os clássicos ramos da Teoria Econômica, por meio de um recorte teórico-metodológico fundamentado pelas óticas dos ramos epistêmicos da microeconomia e da macroeconomia a fim de promover análises teórico-conceituais e estudos de caso.

Caracterizado por uma natureza exploratória, descritiva e explicativa quanto aos fins e uma abordagem quali-quantitativa, este livro foi estruturado pela conjugação de uma lógica convergente no uso do método dedutivo a fim de possibilitar divergentes abordagens micro e macroeconômicas para abordar uma série de temas econômicos que vão do plano teórico até o plano empírico da realidade material.

A proposta implícita nesta obra tem no paradigma eclético o fundamento para a valorização da pluralidade teórica e metodológica, sendo este livro construído por meio de um trabalho coletivo de pesquisadoras e pesquisadores de distintas formações acadêmicas e expertises, o que repercutiu em uma rica oportunidade para explorar as fronteiras das discussões econômicas.

A indicação deste livro é recomendada para um extenso número de leitores, uma vez que foi escrito por meio de uma linguagem fluída e de uma abordagem didática que valoriza o poder de comunicação e da transmissão de informações e conhecimentos, tanto para um público leigo não afeito a tecnicismos, quanto para um público especializado de acadêmicos interessados pelos estudos econômicos.

Excelente leitura!

Elói Martins Senhoras

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

ECONOMÍA Y EDUCACIÓN: APROXIMACIÓN DESDE LA PERSPECTIVA DEL DESARROLLO Y EL CRECIMIENTO ECONÓMICO

Oscar Antonio Holguín Villamil

DOI 10.22533/at.ed.5402115031

CAPÍTULO 2..... 20

A IMPORTÂNCIA DA RESILIÊNCIA NAS RELAÇÕES DE TRABALHO E NA COMPETITIVIDADE

Rafaela Baldí Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.5402115032

CAPÍTULO 3..... 27

LOGÍSTICA COLABORATIVA NO TRANSPORTE DE CARGAS: ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DE 2010 A 2019

Davi Guimarães Soares

José Francisco dos Reis Neto

DOI 10.22533/at.ed.5402115033

CAPÍTULO 4..... 31

ANÁLISE DO CENÁRIO ECONÔMICO PARA IMPLANTAÇÃO DE UMA CERVEJARIA ARTESANAL EM CAMPO GRANDE/MS

Davi Guimarães Soares

Priscilla dos Santos Moraes

José Francisco dos Reis Neto

Alba Miriam Monteiro

Bruno Carlos Feliciano de Lima Silva

DOI 10.22533/at.ed.5402115034

CAPÍTULO 5..... 36

ANÁLISE DA ESPECIALIZAÇÃO COMERCIAL DA CADEIA GLOBAL DE VALOR DA AGROPECUÁRIA NO BRASIL

Adriano Marcos Rodrigues Figueiredo

Thainá de Matos Grote Chaves

Mamadou Lamarana Bari

DOI 10.22533/at.ed.5402115035

CAPÍTULO 6..... 49

ESTRUTURA DO MERCADO BRASILEIRO DE PLACAS FOTOVOLTAICAS STRUCTURE OF THE BRAZILIAN PHOTOVOLTAIC PLATE MARKET

Matheus Felipe Ziermann Vieira

Bruno Piedade Damasceno

Carlândia Brito Santos Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.5402115036

CAPÍTULO 7	54
IMPACTO DE UMA PANDEMIA SOBRE A ECONOMIA BRASILEIRA: O COVID-19 E O MERCADO FINANCEIRO	
Rita de Cassia Araujo	
Silvia Lima Oliveira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.5402115037	
CAPÍTULO 8	61
O TRÁFICO DE DROGAS NA DINÂMICA CAPITALISTA: UMA INTRODUÇÃO AO DEBATE	
Pedro de Oliveira Rodrigues	
Ednéia Alves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.5402115038	
SOBRE O ORGANIZADOR	71
ÍNDICE REMISSIVO	72

CAPÍTULO 8

O TRÁFICO DE DROGAS NA DINÂMICA CAPITALISTA: UMA INTRODUÇÃO AO DEBATE

Data de aceite: 01/03/2021

Pedro de Oliveira Rodrigues

Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF
<http://lattes.cnpq.br/8567035367230087>

Ednéia Alves de Oliveira

Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF
<http://lattes.cnpq.br/1353592697826668>

RESUMO: Este artigo objetiva apresentar, de forma introdutória, a relação do tráfico de drogas com o capitalismo. É uma pesquisa bibliográfica e documental e constitui parte da dissertação de mestrado em andamento. As conclusões são preliminares mas nos permitem apontar que o narcotráfico é funcional ao modo de produção capitalista, gerando lucros e emprego aos segmentos da superpopulação relativa.

PALAVRAS - CHAVE: tráfico de drogas, superpopulação relativa, capitalismo.

ABSTRACT: The purpose of this article is to introduce, in an introductory way, the relationship between drug trafficking and capitalism. It is a bibliographical and documentary research and constitutes part of the master dissertation in progress. The conclusions are preliminary but allow us to point out that drug trafficking is functional to the capitalist mode of production, generating profits and employment to the segments of relative overpopulation.

KEYWORDS: drug trafficking, relative overpopulation, capitalism.

1 | INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar de forma sumária, a relação entre o tráfico de drogas no Brasil e o modo de produção capitalista. Trata-se de uma pesquisa descritiva e bibliográfica, tendo como referência documentos de organizações nacionais e internacionais, além de matérias publicadas em jornais e revistas no país. Tendo por base a obra marxiana, em especial o livro *I d'O Capital: uma introdução a crítica da economia política*, nos propomos a relacionar a dinâmica do capitalismo com o narcotráfico, salientamos, contudo, que os dados sobre o tema, são sempre aproximativos, uma vez que trata de uma atividade ilegal.

A questão da droga tem sido um tema bastante discutido na sociedade global, principalmente nos últimos dois séculos. Gostaríamos de iniciar nossa análise ressaltando que quando nos referimos ao termo “drogas”, estamos tratando das substâncias consideradas ilícitas (maconha, crack, cocaína, as drogas sintéticas, entre outras) e desconsiderando as de uso legalizado (tabaco, álcool e as de uso medicinal). O uso de drogas tem sido diretamente relacionado com delinquência e violência, sobretudo nos países periféricos, caso exemplar do Brasil. O governo brasileiro trata o consumo e o tráfico de drogas como um problema de segurança, dissociando, muitas vezes da questão social. Mas até onde isso

é verdade? De fato, a criminalidade tem relação direta com o tráfico de drogas. Afinal, estamos tratando do comércio de substâncias ilegais que está sobre constante ataque de órgãos de segurança. No entanto, cabe elencar que o que gera a violência em si não é o uso das substâncias e sim a política repressiva de combate por parte das forças do Estado.

Tomando como base os dados do Brasil, observa-se que os investimentos no combate às drogas superam a casa dos bilhões, só em 2018 o governo brasileiro investiu mais de 12 bilhões em segurança pública, o que envolve a compra de armamento, veículos e contratação de agentes de segurança. O mesmo não se pode notar nos investimentos em políticas sociais como assistência social, trabalho, esporte, saúde, dentre outros, que não ultrapassam a casa dos 20% do Produto Interno Bruto (PIB). Porém, o que tem-se observado é uma incidência da violência concentrada nas periferias e um genocídio da população mais pobre, sobretudo negra, no caso brasileiro. Tal fato nos permite identificar que o tráfico de drogas está concentrado na população mais pauperizada, recaindo sobre ela os mecanismos coercitivos e punitivos. Não queremos, de forma alguma, anunciar que a pobreza é razão da criminalidade, apenas salientar que os sujeitos que compõem o exército de reserva, aqueles que não conseguem trabalho no mercado formal, inserem-se no tráfico como forma de subsistência. Ou seja, a parte da superpopulação relativa, sobretudo na sua forma estagnada, serão os trabalhadores a alimentar a indústria da droga.

Diante do exposto, apresentaremos alguns elementos para problematizar a questão do tráfico de drogas no Brasil. Contudo, temos ciência de que o problema do narcotráfico não se limita apenas ao caso brasileiro, sendo perceptível em outros países que são afetados pela dinâmica desse mercado ilegal. Tentamos por meio deste estudo, entender a sua dinâmica produtiva e as estruturas sociais que corroboram para a sua manutenção, dentro da ótica do modo de produção capitalista. A compreensão desses elementos, nos permitirá captar os fios invisíveis que conduzem esse mercado tão polêmico e, ao mesmo tempo, tão lucrativo para o capital.

2 | DESENVOLVIMENTO

2.1 Acumulação de capital e constituição da superpopulação relativa

Para Marx (2013), a acumulação de capital é a mais poderosa alavanca do modo de produção capitalista e se assenta na extração do mais valor sobre o trabalho não pago. Para isto faz-se necessário a produção de mercadorias com valor de troca, transformando tudo em coisas que podem ser trocadas por dinheiro. É importante salientar que a produção de mercadorias sempre existiu na sociedade como valor de uso, como algo que satisfaz as necessidades humanas.

A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de um tipo qualquer. A natureza dessas necessidades – se, por exemplo, elas provem do estomago ou da imaginação – não altera em nada a questão. Tampouco se trata aqui de como a coisa satisfaz a necessidade humana, se diretamente, como meio de subsistência [Lebensmittel], isto é, como objeto de fruição, ou indiretamente, como meio de produção (p.113).

A produção de uma mercadoria é resultado da demanda efetiva por parte dos indivíduos. Esta demanda pode ser criada a partir de um valor de uso transformado em valor de troca pela ordem capitalista. Ou seja, em mercadoria de valor legal e/ou criada pela condição de clandestinidade imposta pela sociedade. Tanto num aspecto quanto em outro, a relação entre consumo e produção é intrínseca. A produção é resultado da necessidade de algo, manifestando-se no consumo. Porém, é importante destacar que a sociedade capitalista cria essas demandas. Desta forma, a criação de uma necessidade de consumo gera a produção dos objetos a serem consumidos, de forma a satisfazer a demanda criada e reproduzi-la. Marx aborda bem esta relação quando trata do consumo e da produção.

Logo, a produção é imediatamente consumo e o consumo é imediatamente produção. Cada um é imediatamente seu contrário. Mas tem lugar simultaneamente um movimento mediador entre ambos. A produção medeia o consumo, cujo material cria consumo sem o qual faltaria-lhe o objeto. Mas o consumo também medeia a produção ao criar para os produtos o sujeito para o qual são produtos. Somente no consumo o produto recebe o seu último acabamento (2011, p.46).

Para garantir a produção e o consumo faz-se necessário um contingente de trabalhadores aptos a venderem sua força de trabalho. Contudo, nem todos os trabalhadores serão incorporados no mercado formal de trabalho, gerando um excedente de força de trabalho que Marx (2013) irá denominar de exército industrial de reserva. Este excedente estará presente em todos os setores da economia, desde os mais arcaicos até os mais automatizados, seja formal ou informal. É ainda sobre a massa de trabalhadores sobrantes que o capitalista vai impor a sua forma de produção, a velocidade e quantidade de trabalhadores necessários para garantir esse processo. Por sua vez, o proletariado vende sua força de trabalho, a fim de garantir o seu sustento e as suas condições mínimas de subsistência, que será apropriada pelo capitalista da forma mais perversa possível, visando manter essa relação de dependência do trabalhador com o seu emprego/produto. A escassez de oferta de emprego gera um excedente de mão de obra ociosa que estará disposta a se submeter a qualquer condição de trabalho, permitindo aos capitalistas rebaixar os salários e retirar qualquer direito que estes trabalhadores possam dispor, acirrando ainda mais essa relação de exploração e elevando o grau de dependência. Para Marx,

A reprodução da força de trabalho, que tem incessantemente de se incorporar ao capital como meio de valorização, que não pode desligar-se dele e cuja submissão ao capital só é velada, pela mudança dos capitalistas individuais

aos quais se vende, constitui, na realidade, um momento da reprodução do próprio capital. Acumulação do capital é, portanto, multiplicação do proletariado (2013, p. 690).

Portanto a acumulação de capital vai demandar sempre de uma força de trabalho excedente. Um número de trabalhadores supranumerários como Marx (2013) descrevera. Essa força de trabalho excedente é o exército industrial de reserva responsável por manter os valores dos salários baixos e também garantir a extração do mais valor, seja relativo ou absoluto. Marx (2013) ainda destaca a superpopulação relativa dividida em 3 formas distintas. A primeira é a flutuante, parte dos trabalhadores masculinos adultos que ora são incorporados, ora são expulsos do mercado de trabalho, formando uma força de trabalho apta mas sempre menor em face da reprodução ampliada do capital. A segunda forma é a latente, com a crescente migração do campo para a cidade onde os trabalhadores esperam encontrar melhores condições de trabalho. A terceira é a superpopulação estagnada, massa de trabalhadores que não conseguem ser incorporados pelo mercado formal de trabalho devido as suas condições de saúde, de qualificação, de aparência, etc. É sobre esta última, principalmente, que recai o pauperismo ou a miséria. São estes sujeitos que estarão aptos a serem incorporados pela informalidade legal ou ilícita.

Com o avanço das forças produtivas a superpopulação relativa tende a ampliar-se, pois a concentração e centralização da produção, reduz a parte do capital variável, aumentando o tempo de trabalho morto. Surge, dessa forma, o desemprego em massa e há uma deterioração das condições de vida e de trabalho da população, ao mesmo tempo que aumenta a riqueza do capitalista. Para Marx (2013) quanto maior a riqueza em um polo, maior será a pobreza no outro. Ou seja, “quanto maior forem as camadas lazentas da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, tanto maior será o pauperismo oficial” (p. 719). Serão essas condições miseráveis de trabalho que conduzirão o movimento operário a lutar por melhores salários e condições de vida. De acordo com Netto (2001) é na transição do capitalismo concorrencial ao capitalismo monopolista que a classe trabalhadora inicia um processo de luta, colocando as suas mazelas como problema político e carecedor de atenção por parte do Estado. Vale ressaltar, que na fase monopolista é que podemos observar o capitalismo na sua forma mais aguda, uma vez que o que caracteriza os monopólios são: controle de preços e salários, controle da oferta, barreiras à entrada de concorrentes, além de uma desigualdade de renda.

Outro elemento importante a ser considerado na ampliação da superpopulação relativa são as crises do capitalismo. De acordo com Netto (2001), historicamente, as crises econômicas são algo indissociável ao modo de produção capitalista. Constantemente nos deparamos com cenários de recessão das economias dos países centrais (eixo da economia global), sendo ainda mais impactante em países em desenvolvimento (emergentes). Esses países em desenvolvimento, que sofreram um processo de industrialização tardia, não conseguem se manter de forma competitiva no mercado global, levando à falência a maior

parte de suas indústrias nacionais. Os efeitos disso serão um aumento do desemprego e de trabalhos precários e informais, acirrando a desigualdade social como demonstra o índice de GINI de 2016, que coloca o Brasil em 99^a posição no ranking mundial, estagnado na casa de 0,515¹.

Somado aos monopólios, o esgotamento do Welfare State, ou do que mais se aproximou disto, a reestruturação produtiva e a transição para o neoliberalismo, contribuíram para a intensificação da acumulação de riqueza nas mãos de uma minoria, os grandes capitalistas, e, conseqüentemente, uma elevação do pauperismo. O desmonte de programas de seguridade social, flexibilização das relações de trabalho e os cortes de gastos governamentais em programas sociais, inferiram sobre as mazelas da questão social. A expressão questão social, de acordo com Netto (2001), é oriunda do pauperismo, que, até antes da revolução industrial na Europa Ocidental, era tratado como um caso de escassez de recursos, dado às limitações da produção feudal e pré-capitalista. Iamamoto (2001) considera a questão social como resultado das expressões da desigualdade social que exigem do Estado uma intervenção mais sistemática para atenuar os efeitos da apropriação privada da produção socialmente produzida. Com os adventos tecnológicos, aperfeiçoamento dos meios de produção, oriundos da revolução industrial e da produção em massa, percebeu-se um aumento expressivo da acumulação de riqueza, nas mãos de uma minoria, acompanhado de um aumento significativo da pobreza, tornando a distância entre ricos e pobres cada vez mais expressiva.

2.2 Capitalismo e tráfico de drogas no Brasil

Baseado na teoria da vantagem comparativa², de David Ricardo (1982), podemos elencar que os países periféricos irão trabalhar e investir naquilo que dispõe de mais abundante em seu território: mão de obra barata e ociosa. Com a redução do emprego formal, o exército industrial de reserva será incorporado pelo mercado informal, dentro dele o tráfico de drogas. Sem muitas alternativas de trabalho, o proletariado vai se adaptar às opções que estão postas pelo mercado. O tráfico de drogas, como qualquer outro mercado, seja legal ou ilegal, necessita da exploração da força de trabalho para garantir a acumulação de capital. E, como o excedente de mão de obra, em uma economia capitalista, é o princípio básico para garantir tal exploração, os países periféricos serão perfeitos para se instaurar uma indústria ilegal que não necessita oferecer boas condições de trabalho. Não por acaso, o narcotráfico se tornou um dos “negócios” mais lucrativos do mundo, segundo dados da ONU³. Por se tratar de um mercado ilegal, está isento de qualquer controle estatal, não paga impostos, não fornece garantias ao trabalhador, numa

1 O índice de Gini é utilizado para medir a desigualdade de renda nos países. As medidas variam de 0 a 1. Quanto mais próximo de 0, menos desigual é aquele país e quanto mais próximo de 1, mais desigual.

2 A vantagem comparativa é a teoria defendida pelo economista político, David Ricardo, pautada na ideia de que alguns países e mercados dispõe de benefícios, ou vantagens, que permitam a especialização produtiva em determinados setores.

3 Obtidos no site EBC, publicado em 2014.

total informalidade entre empregado e empregador.

Dito isso, podemos afirmar que a premissa da dinâmica da indústria das drogas segue os mesmos parâmetros da indústria formal legal. Ou seja, visa a acumulação de capital, exploração do trabalho, salários reduzidos, contratos informais, condições precárias de trabalho e, na maioria dos casos, violenta e necessita de um excedente de força de trabalho para ser absorvida pelo comércio de drogas. Os trabalhadores, segundo os economistas liberais ortodoxos como, por exemplo, Alfred Marshall, são agentes racionais e maximizadores de utilidade. Em outras palavras, são indivíduos que estão sempre buscando o que os satisfazem mais, ou seja, o trabalho com melhores condições, ou melhores salários, que garantam da melhor maneira o seu sustento. Com o colapso de uma economia nacional, o desemprego em massa precisa ser absorvido de alguma forma.

As exceções são raras e sem importância nos mercados de mercadorias (commodities), mas nos mercados de trabalho são freqüentes e importantes. Quando um trabalhador teme a fome, sua necessidade de dinheiro (a utilidade marginal deste para ele) é muito grande. Se no início o trabalhador leva a pior na negociação e se emprega a salário baixo, a necessidade continuará grande, e ele continuará vendendo sua força de trabalho a baixo preço (Marshall, 1996, p.36).

Para Fraga (2000), o narcotráfico não é uma atividade parasitária, mas uma empresa com grande número de trabalhadores, com investimentos elevados e que gera lucros como outra empresa qualquer. De acordo com Ribeiro (2000), o narcotráfico é capitalismo, pois, embora sua produção seja ilegal, os padrões de acumulação são enormes. Na sua lógica estão presentes todos os elementos que regem a produção capitalista legal. A produção e circulação de mercadorias, a exploração do trabalhador, o consumo, a mais valia e o lucro. São estas categorias que orientam a venda da droga.

De acordo com Souza (2015), nessa perspectiva da produção capitalista, o tráfico de drogas por ser uma indústria ilegal, dispõe de mecanismos de exploração que superam as indústrias que atuam dentro da lei. Sem qualquer regulamentação por parte do Estado, à produção das drogas podem ser incorporados trabalho infantil, escravo ou informal. Esses trabalhadores, inseridos nessas condições, não estarão amparados por nenhuma lei ou direito trabalhista, possibilitando que as condições de trabalho sejam extremamente precárias e que coloquem em risco a sua própria vida, haja visto a violência constante na disputa de territórios, que nesse caso significa maior controle sobre o comércio da droga.

A proibição da produção e consumo de drogas, como já citamos anteriormente, não pode ser visto como um fato isolado, pois ele é essencial para a compreensão dessa circulação. A regulamentação do Estado fere a dinâmica da teoria liberal/neoliberal. Afinal estamos lidando, segundo o discurso liberal e neoliberal, com a teoria de um mercado auto regulador, cujo carro chefe é a ideia da *Mão Invisível*, na qual, segundo Smith (2006), com base nos interesses individuais dos agentes econômicos se alcançaria os interesses

coletivos. A intervenção estatal, segundo os defensores dessa ideia, resultaria em perdas tanto para produtores, quanto para consumidores. Ainda sobre a perspectiva da economia ortodoxa, podemos inferir, que a ilegalidade traz consigo empecilhos referentes à qualidade da mercadoria ofertada pelos produtores da droga, uma vez que a falta de controle por órgãos governamentais, permite que as substâncias comercializadas sejam de baixa qualidade, sofrendo alterações na sua composição original, comprometendo a saúde dos usuários.

Outro fato a ser destacado é a apreensão das substâncias pela polícia fazendo com que a oferta do produto seja reduzida, elevando assim os seus preços. Há que se acrescentar outro fator relevante: a dificuldade de transportar as drogas, devido ao controle sobre as fronteiras, o que implicará em custos, que serão repassados ao consumidor final. Sem contar que o Estado não conseguirá tributar a produção e nem a comercialização, não gerando um retorno à sociedade, fazendo com que o “combate” ao tráfico seja muito dispendioso para os cofres públicos. No entanto, essa ilegalidade cria o mercado paralelo da corrupção que envolve desde políticos, policiais e representantes do poder judiciário.

Não precisamos nos apoiar sobre a teoria liberal para apontar as falhas do sistema de proibição e, sobretudo de combate às drogas. Com a alta tendência da taxa de desemprego, atingindo a casa dos 12,7%, em 2019⁴, combater o tráfico de drogas, hoje, faria a economia do país colapsar, afinal, geraria um alto índice de desocupação e aumento da pobreza, pois os trabalhadores inseridos nesta atividade perderiam sua principal fonte de renda e não teriam nenhuma outra alternativa para garantir o seu sustento. O que se observa, com o passar dos anos, é uma guerra travada entre as forças de repressão do Estado contra as mazelas da “questão social”, como já aponta Ianni

Em geral, os setores sociais dominantes revelam uma séria dificuldade para se posicionar em face das reivindicações econômicas, políticas e culturais dos grupos e classes subalternos. Muitas vezes reagem de forma extremamente intolerante, tanto em termos de repressão como de explicação. Essa inclinação é muito forte no presente, mas já se manifestava nítida no passado (2004, p. 109).

Com base na contribuição de Ianni (2004), nos questionamos sobre quem se favoreceria com essa ilegalidade uma vez que, na perspectiva do trabalho, do consumo e da segurança pública, não visamos melhorias com a proibição do tráfico de drogas. Observa-se que até mesmo as políticas repressivas estatais desempenham um papel estratégico para a esfera do capital. Ao invés de se investir em políticas de educação, saúde, esporte, lazer ou ainda de geração de renda, notamos o incremento de investimentos em setores punitivos como ampliação de penitenciárias, aumento do efetivo da polícia, leis mais rigorosas, redução da maioria penal, atribuindo ao tráfico um problema de origem moral e não social.

4 Fonte: IBGE.

Desde modo, podemos indagar sobre ser impossível o funcionamento do mercado das drogas sem que as mazelas da questão social se expressem de forma mais intensa. Afinal de contas, o tráfico de drogas se torna uma resposta, ou uma solução aos altos índices de desemprego. Não é por menos que grande parte da produção global das drogas ilegais esteja nos países periféricos, cujo pauperismo aparece de forma exponencial. E até mesmo dentro desses países, podemos perceber que o tráfico se concentra nas regiões mais pobres, no caso brasileiro, nas favelas ou bairros da periferia das grandes cidades.

Porém, quando analisamos sob uma perspectiva econômica, percebemos o quão lucrativo e importante para a dinâmica do modo de produção capitalista esse combate pode ser. O governo brasileiro investiu, aproximadamente, cerca de 12 bilhões de reais, no ano de 2018, em segurança pública⁵. Dentro deste investimento, está o policiamento e serviço de inteligência, por exemplo. Além disso, o combate ao tráfico fomenta a indústria armamentista, uma vez que os traficantes e agentes de segurança pública dispõe de armas de fogo para travarem sua luta. Sabe-se, de acordo com matéria publicado no jornal O Globo em 2017, o número de mortes violentas no Brasil atingiu a marca de 30 casos por cem mil habitantes, numa relação estreita com o tráfico de drogas, sobretudo nas rotas de comércio.

Contudo, o que observamos é que mesmo com um investimento tão alto em segurança pública. A cada ano o consumo de drogas só aumenta no país, sobretudo entre os mais jovens, que são os principais consumidores⁶. Estima-se que, em 2015, 9% dos jovens faziam uso de substância ilícita, um aumento de, aproximadamente, 2% em relação ao ano de 2012.

A imprecisão de dados, referente ao narcotráfico, nos impossibilita fazer uma análise precisa do impacto desse mercado para a economia brasileira. Contudo, nos atrevemos a dizer que o tráfico de drogas é um mercado lucrativo, pois permite ganhos elevados, isenção de impostos e gera uma rede de várias outras indústrias como a de armas, farmacêutica, lavagem de dinheiro, dentre outros. Em contrapartida, o governo brasileiro prefere apostar na redução de investimentos em políticas sociais, sobretudo nas de combate à pobreza. Apesar do Programa Bolsa Família ter beneficiado cerca de 46 milhões pessoas, os números da pobreza extrema no Brasil é muito elevado. De acordo com dados do IBGE, de 2017, 50 milhões de brasileiros vivem em situação de pobreza extrema. De acordo com pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o índice de Gini subiu, em 2019, para 0,627. Fato que evidencia o aumento da desigualdade e da pobreza. Em paralelo a população carcerária tem aumento significativamente. De acordo com dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), o tráfico de drogas é o segundo maior em prisão, ficando abaixo dos casos de roubo, o que demonstra que a repressão é a tônica dos governos brasileiros para conter o avanço da miséria e da pobreza.

⁵ De acordo com o Portal da transparência.

⁶ Pesquisa realizada pelo PeNSE/IBGE com jovens de idade entre 13 e 15 anos, nos anos de 2012 e 2015, divulgado pelo jornal O Globo.

3 | CONCLUSÃO

O que nos propusemos a expor é a relação do tráfico de drogas com a questão social, sobretudo o desemprego, nos apoiando em elementos econômicos e sociais que demonstram como o mercado das drogas é lucrativo e dinâmico para economia capitalista como um todo. Os empregos gerados pelo narcotráfico são de suma importância para a harmonia do modo de produção capitalista, estimulando ainda mais a concentração da riqueza nas mãos de uma minoria e intensificando as desigualdades sociais. Além disso, vimos o quão importante foi a transição para o capitalismo monopolista e a adoção do modelo neoliberal para tornar o narcotráfico um dos ramos mais lucrativos da economia capitalista. A deterioração dos aparatos sociais e flexibilização das relações de trabalho, juntamente com o desemprego elevado, serviram de combustível para a ascensão do tráfico de drogas, sobretudo nos países periféricos. E podemos observar como as expressões da questão social estão correlacionadas com a expansão do consumo e da produção das drogas no mundo.

A violência gerada pelo tráfico de drogas é fruto dessa política de repressão ao narcotráfico sendo que, dadas as atuais circunstâncias do nosso país, não é interessante ser combatido. Contudo, podemos afirmar que esse combate às drogas é um instrumento de manobra adotado pelo Estado burguês com a finalidade de controlar e reprimir as mazelas da Questão Social no país, visto que os principais afetados por essa política é a população nas periferias, cujo papel que ocupam, na dinâmica da produção das drogas, é de distribuição (varejo). Os grandes traficantes de drogas ou seja, os capitalistas produtores das drogas, muitas vezes estão diretamente relacionados com a política, ocupando cargos ou participando das decisões, e não são alvejados pelas armas da polícia.

REFERÊNCIAS

Agência Brasil. *ONU alerta que drogas movimentam US\$ 320 bilhões por ano*, EBC, 2014, <http://www.ebc.com.br/noticias/internacional/2014/03/onu-alerta-que-drogas-movimentam-us-320-bilhoes-por-ano>, acesso em 19/06/2019.

IBGE: Agência IBGE notícias. *Desemprego sobe para 12,7% com 13,4 milhões de pessoas em busca de trabalho*, 2019, <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24283-desemprego-sobe-para-12-7-com-13-4-milhoes-de-pessoas-em-busca-de-trabalho>, acesso em 19/06/2019.

FRAGA, Paulo C. P. Juventude, narcotráfico e violência no Brasil: para além do rural e do urbano. In: RIBEIRO, Ana Maria Motta e IULIANELLI, Jorge Atílio. *Narcotráfico e violência no campo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

IANNI, Otávio. *Pensamento Social no Brasil*. São Paulo: EDUSC/ANPOCS, 2004.

Justificando: Mentas inquietas pensam Direito. *CNJ divulga os mais recentes dados sobre a população carcerária no Brasil*. 2018. <http://www.justificando.com/2018/08/08/cnj-divulga-os-mais-recentes-dados-sobre-a-populacao-carceraria-no-brasil/>, acesso em 22/06/2019.

PORTAL TRANSPARÊNCIA (Brasil). Controladoria Geral da União, Segurança Pública, <http://www.portaltransparencia.gov.br/funcoes/06-seguranca-publica?ano=2018>, acesso em 20/06/2019.

_____. Controladoria Geral da União, Política Pública Sobre Drogas, <http://www.portaltransparencia.gov.br/programas-e-acoes/acao/201E-politica-publica-sobre-drogas?ano=2015>, acesso em 20/06/2019.

MARSHALL, Alfred. *Princípios de Economia: Tratado Introdutório*. In: *Os Economistas*, São Paulo, Nova Cultural, 1996.

MATSUURA, Sérgio. *Uso de drogas aumenta entre os jovens*, O Globo, 2016, <https://oglobo.globo.com/sociedade/uso-de-drogas-aumenta-entre-os-adolescentes-no-pais-19996988>, acesso em 20/06/2019.

MARTINS, Elisa. *Estados com maior aumento de mortes violentas são rota de comércio de drogas*, O GLOBO, São Paulo, 2018, <https://oglobo.globo.com/brasil/estados-com-maior-aumento-de-mortes-violentas-sao-rota-de-comercio-de-drogas-22964741>, acesso 19/06/2019.

MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo, Boitempo, 2011.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política livro I*. São Paulo, Boitempo, 2013.

NETTO, José Paulo. *Capitalismo Monopolista e Serviço Social*. São Paulo, Cortez, 2001.

RIBEIRO, Ana M.M. *Sociologia do narcotráfico na América Latina e a questão camponesa*. In: RIBEIRO, Ana Maria Motta e IULIANELLI, Jorge Atilio. *Narcotráfico e violência no campo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 23-59.

RICARDO, David. *Princípios de Economia Política e Tributação*. In: *Os Economistas*, São Paulo, 1982.

FGV, *Desigualdade de renda no Brasil bate recorde, aponta levantamento do FGV IBRE*. 2019. <https://portal.fgv.br/noticias/desigualdade-renda-brasil-bate-recorde-aponta-levantamento-fgv-ibre>, acesso em 20/06/2019.

SMITH, Adam. *A riqueza das nações*, São Paulo, Afiliada, 2006.

SOUZA, André. *Letalidade Policial no Brasil mais que dobra em cinco anos; Rio tem recorde de mortes de agentes civis*, O Globo, Brasília, 2019, <https://oglobo.globo.com/brasil/letalidade-policial-no-brasil-mais-que-dobra-em-cinco-anos-rio-tem-recorde-de-mortes-de-agentes-civis-23598437>, acesso em 20/06/2019.

SOUZA, T. S. *A Economia das Drogas em uma abordagem heterodoxa*. Campinas: Unicamp, 2015.

V.V.A.A. *Cinco notas a propósito da “questão social”*. Brasília, Temporalis. ABEPSS, 2001

SOBRE O ORGANIZADOR

ELÓI MARTINS SENHORAS - Professor associado e pesquisador do Departamento de Relações Internacionais (DRI), do Programa de Especialização em Segurança Pública e Cidadania (MJ/UFRR), do Programa de MBA em Gestão de Cooperativas (OCB-RR/UFRR), do Programa de Mestrado em Geografia (PPG-GEO), do Programa de Mestrado em Sociedade e Fronteiras (PPG-SOF), do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Amazônia (PPG-DRA) e do Programa de Mestrado em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação (PROFNIT) da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Graduado em Economia. Graduado em Política. Especialista pós-graduado em Administração - Gestão e Estratégia de Empresas. Especialista pós-graduado em Gestão Pública. Mestre em Relações Internacionais. Mestre em Geografia - Geoeconomia e Geopolítica. Doutor em Ciências. *Post-Doc* em Ciências Jurídicas. *Visiting scholar* na Escola Nacional de Administração Pública (ENAP), no Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), na University of Texas at Austin, na Universidad de Buenos Aires, na Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, México e na National Defense University. *Visiting researcher* na Escola de Administração Fazendária (ESAF), na Universidad de Belgrano (UB), na University of British Columbia e na University of California, Los Angeles. Professor do quadro de Elaboradores e Revisores do Banco Nacional de Itens (BNI) do Exame Nacional de Desempenho (ENADE) e avaliador do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (BASIS) do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP/MEC). Professor orientador do Programa Agentes Locais de Inovação (ALI) do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE/RR) e pesquisador do Centro de Estudos em Geopolítica e Relações Internacionais (CENEGRI). Organizador das coleções de livros Relações Internacionais e Comunicação & Políticas Públicas pela Editora da Universidade Federal de Roraima (UFRR), bem como colunista do Jornal Roraima em Foco. Membro do conselho editorial da Atena Editora.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acumulação 21, 22, 62, 64, 65, 66
Agronegócio 27, 29, 30, 39, 40, 47, 48
Agropecuária 6, 36, 37, 39, 40, 45, 46, 47

B

B3 58, 59, 60
Bolsa de valores 54, 56, 57, 58, 59
Brasil 5, 6, 2, 3, 9, 13, 20, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 68, 69, 70

C

Cadeia Global de Valor 6, 36, 37
Capacidade instalada 50, 51
Capital 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 16, 17, 18, 19, 21, 42, 58, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 70
Capitalismo 61, 64, 65, 66, 69, 70
Capitalista 7, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69
Cenário Econômico 6, 31, 32, 33, 34, 54, 56
Cerveja 32, 33, 34, 35
Cervejaria 6, 31, 32, 33, 34
Comércio 29, 37, 38, 39, 41, 42, 44, 46, 57, 62, 66, 68, 70
Competitividade 6, 20, 24, 25, 37, 38, 46, 48
Concorrência 21, 23, 24, 25, 52, 53
Consumo 11, 39, 41, 42, 49, 61, 63, 66, 67, 68, 69
Coronavírus 33, 34, 54, 55, 56, 57, 60
Covid-19 7, 54, 55, 56, 59, 60
Crescimento 20, 23, 24, 31, 33, 34, 37, 40, 44, 48, 49, 50, 51, 52, 57
Crise 54, 55, 56, 57, 59

D

Demanda 2, 4, 6, 9, 10, 22, 39, 42, 43, 44, 52, 57, 63
Desempenho 31, 33, 71
Desempenho financeiro 31, 33
Drogas 7, 61, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 70

E

Economia 2, 5, 7, 17, 20, 21, 22, 27, 31, 33, 34, 35, 38, 39, 47, 48, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71

Emprego 22, 27, 28, 29, 38, 61, 63, 65

Empresa 14, 21, 23, 24, 34, 38, 39, 50, 66

Energia Elétrica 49, 50, 52, 53

Energia Solar 49, 50, 52

Especialização 6, 36, 37, 41, 48, 65, 71

Estado 11, 14, 26, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 50, 62, 64, 65, 66, 67, 69

Exportação 27, 40, 46

G

Governo 21, 42, 55, 57, 61, 62, 68

I

Impacto 7, 23, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 68

Indivíduo 2, 5, 20, 21, 23, 24

Indústria 20, 32, 35, 40, 41, 42, 43, 62, 65, 66, 68

Investidores 20, 54, 56, 58, 59, 60, 68

L

Logística 6, 27, 28, 29, 30

Lucros 21, 24, 58, 61, 66

M

Mercado 5, 6, 7, 2, 14, 21, 22, 24, 27, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 40, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69

N

Narcotráfico 61, 62, 65, 66, 68, 69, 70

O

Oferta 9, 15, 42, 63, 64, 67

P

Pandemia 7, 22, 33, 34, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

PIB 1, 3, 5, 6, 7, 9, 12, 13, 16, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 41, 44, 47, 55, 62

Placas Fotovoltaicas 6, 49, 50

Produção 20, 21, 28, 31, 32, 33, 35, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 56, 61, 62,

63, 64, 65, 66, 67, 68, 69

produtividade 20, 22, 27, 28

R

Renda 22, 31, 55, 58, 59, 64, 65, 67, 70

Resiliência 6, 20, 24, 26

S

Salários 63, 64, 66

Social 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 36, 47, 48, 54, 55, 57, 58, 61, 62, 65, 67, 68, 69, 70

Sociedade 5, 20, 61, 62, 63, 67, 70, 71

T

Trabalho 5, 6, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 28, 31, 32, 37, 38, 39, 45, 56, 57, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69

Tráfico 7, 61, 62, 65, 66, 67, 68, 69

Transporte 6, 27, 28, 29, 30, 40, 57

V

Vantagem Comparativa Revelada 36, 45

Violência 61, 62, 66, 69, 70

Atena
Editora

Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Do Indivíduo à Nação:
a Economia em tudo o
que se vive

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Do Indivíduo à Nação:
a Economia em tudo o
que se vive